



Universidades Lusíada

Carvalho, Maria de Jesus Mendes de, 1962-

Tempo, temporalidade e arquitectura

<http://hdl.handle.net/11067/7439>

<https://doi.org/10.34628/1F33-V119>

Metadados

Data de Publicação

2024

Resumo

Partindo da ideia de tempo e arquitetura, podemos constatar que as obras chegaram aos nossos dias transportando memórias vivas, provando a temporalidade da existência do homem. Ao mergulhar no universo da arquitetura encontramos uma relação com a temporalidade que se conjuga numa lógica evolutiva pois insistentemente, existe uma constante procura na superação e harmonia que multiplica e reflete um conjunto de intenções singulares....

Starting from the idea of time and architecture, we can see that the works have come down to the present day carrying living memories, proving the temporality of man's existence. By immersing ourselves in the universe of architecture, we find a relationship with temporality that is combined in an evolutionary logic, because there is a constant search for overcoming and harmony that multiplies and reflects a set of singular intentions....

Tipo

bookPart

Editora

Universidade Lusíada Editora

ISBN

978-898-640-275-4

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-03T10:24:09Z com informação proveniente do Repositório

TEMPO, TEMPORALIDADE E ARQUITETURA

TIME, TEMPORALITY AND ARCHITECTURE

Maria Jesus Carvalho

CITAD – FAA-UL

DOI: <https://doi.org/10.34628/1F33-V119>

Resumo: Partindo da ideia de tempo e arquitetura, podemos constatar que as obras chegaram aos nossos dias transportando memórias vivas, provando a temporalidade da existência do homem.

Ao mergulhar no universo da arquitetura encontramos uma relação com a temporalidade que se conjuga numa lógica evolutiva pois insistentemente, existe uma constante procura na superação e harmonia que multiplica e reflete um conjunto de intenções singulares.

Abstrat: Starting from the idea of time and architecture, we can see that the works have come down to the present day carrying living memories, proving the temporality of man's existence.

By immersing ourselves in the universe of architecture, we find a relationship with temporality that is combined in an evolutionary logic, because there is a constant search for overcoming and harmony that multiplies and reflects a set of singular intentions.

Quando se abordam questões relativas ao tempo e à temporalidade rapidamente se infere que a arquitetura sintetiza a essência da vida do Homem, numa relação de continuidade que relaciona o passado e o futuro.

De facto, a arquitetura pode ser mais humana ou mais artificial, consoante uma determinada conjuntura, mas resulta sempre de um fenómeno técnico, numa determinada época, contextualizando o momento e albergando a história.

Neste caso, a técnica tal como a linguagem, aparece indissociável do pensamento, logo inseparável da humanidade e do tempo.

Esta perceção de continuidade temporal é também reconhecida por Siza quando afirma: "Os arquitetos nada inventam. Trabalham continuamente com modelos que transformam em resposta aos problemas com que se deparam"¹

Na ciência, o tempo apresenta-se como uma referência absoluta, fruto de um conjunto de sistemas quantificados que podem medir o tempo real de todas as coisas, contudo o tempo é muito mais do que uma medida pois ele próprio tem uma história.

Paralelamente, o tempo, também, pode ser medido no momento vivido numa relação de continuidade de algo, a sensação de um tempo

¹ TESTA, Peter, *Arquitetura de Álvaro Siza*, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Edições FAUP, 1988, p.147.

que se prolonga, numa soma de instantes semelhantes contabilizado através de relógios e cronómetros que a ciência quantifica.

Para alguns filósofos, como Platão, o tempo é eterno e imutável pois ele existe independentemente de nós e segue o seu curso inexorável.

Sem dúvida, a compressão do tempo implicaria a procura de um sentido, global, mas se pensarmos no tempo vivido ele é muito mais do que uma sucessão de instantes invariáveis pois possui uma vertente subjetiva.

Por essa razão Santo Agostinho, considera o tempo subjetivo, ligado à nossa percepção pois apenas existe porque somos capazes de recordar o passado, viver o presente e imaginar o futuro. Na realidade o tempo e arquitetura não são ilusões, mas dimensões fundamentais da nossa existência e influenciam as nossas experiências.

Nesta perspetiva, a arquitetura estabelece um paralelismo com a vida humana, ao longo do tempo. A partir da análise do trabalho de historiadores e investigadores podemos acompanhar a evolução do homem e entender o modo como as obras por ele criadas passaram o seu testemunho, desafiando os limites da temporalidade.

Para Le Corbusier “a arquitetura é a primeira manifestação do homem criando o universo, criando-o à imagem da natureza, aceitando as leis da natureza, as leis que regem a nossa natureza, o nosso universo.”²

Efetivamente, não se pode reconhecer a especificidade do tempo sem aceitar a sua irreversibilidade e, simultaneamente, reconhecer a medida de duração cujo limite é a eternidade. Por outro lado, a temporalidade, ou seja, o tempo vivido torna-se parte integrante da humanidade entendido com expressão do ser humano, opondo-se, de certa forma a algo que se encontra exterior ao tempo.

Nesta lógica de reflexão, a vida do homem implica sempre uma temporalidade, segundo Sarte, em termos de fenomenologia, o tempo é uma das características da consciência. No entanto, como este demonstrou em o *Ser e o Nada*, a questão não se reflete apenas no facto de

2 LE CORBUSIER; Por uma Arquitetura, 6.ª edição, Editora Perspetiva 6.ª edição, p.45.

sermos limitados, em termos de tempo, e deste passar, invariavelmente, mas também na necessidade de satisfação.

Neste caso, o homem é envolvido num jogo entre o ser e o existir, em que a consciência insuprível do passado se reflete no presente e questiona o futuro, construindo assim a dimensão ética da consciência.

Longe do tempo em que o homem procura um abrigo para se proteger e do tempo cíclico em que o passado se repete reintegrando a existência humana, o tempo Moderno passa a significar a moral canónica de renovação, própria da necessidade imperiosa da evolução e progresso das sociedades em que o desenvolvimento da cultura humana se objetiva no futuro.

Se pensarmos em arquitetura, como suporte da temporalidade, verificamos que esta constrói uma narrativa sustentada na consciência do passado, refletindo o presente e desafiando o futuro, numa perspetiva de inovação apoiada nos avanços tecnológicos e, simultaneamente, valorizando a vida do homem, incorporando um sentido hegemónico de satisfação e felicidade.

No livro, *Arquitetura da felicidade* podemos perceber como Botton relaciona arquitetura com temas fundamentais para a vida do homem, no campo da filosofia, da psicologia e da percepção, tentando entender a verdadeira importância da arquitetura e de como esta pode efetivamente influenciar estados de espírito como a satisfação.³

Na realidade, a relação da arquitetura com as demais artes transmite um legado cultural, linguístico e de pensamento que é constantemente reinventado, potenciando um número ilimitado de interpretações, criando lugares e dando novas formas ao espaço, novos significados à vida.

Nesta perspetiva, temos de concordar com Júlbez pois “quando as formas não são consequência do conteúdo que as determina, as arquiteturas ficam inexoravelmente vazias de significação. O conteúdo que anima e dá vida às formas é produto exclusivo do espírito do autor, e

3 BOTTON, Alain, *A arquitetura da Felicidade*, Edição Dom Quixote, julho 2013.

este, ainda que às vezes não tenha consciência dele, estará sempre embutido no espírito do lugar”.⁴

A conclusão que parece indiscutível na relação do Homem com o tempo é que este pode ser percecionado de modos diferentes, ou seja, passa a ter uma medida diferente da indicada nos ponteiros do relógio, num determinado momento consoante um qualquer estado de espírito em função de circunstância específica da vida.

Neste caso, o tempo mensurável e quantificável da ciência no qual o mundo evolui opõe-se ao tempo vivido, sentimento interior dependente da consciência perceptiva.

Na realidade, o desafio da arquitetura consiste em estimular a percepção, elevando a experiência ao nível dos fenómenos espaciais pelo que importa determinar a sua estrutura, génese e essência.

A possibilidade de objetivação em arquitetura implica reconhecer que ela não pertence ao seu próprio tempo, mas à tentativa de incursão de uma época, no futuro.



4 JÜLBEZ, José Maria Buendia, *O Espírito do Lugar*, Barragem Obra Completa, Edição de Raul Rispa, p.21